

ATITUDES LINGUÍSTICAS ACERCA DA REALIZAÇÃO DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS EM UMA VARIEDADE NÃO EUROPEIA DO PORTUGUÊS

Déreck Kássio Ferreira Pereira
Claudia Roberta Tavares Silva

RESUMO

Embasados no arcabouço teórico-metodológico das Atitudes Linguísticas (EAGLY; CHAIKEN, 1993), objetivamos verificar os julgamentos subjetivos de falantes do português brasileiro (PB), mais especificamente das cidades pernambucanas de Serra Talhada, no Sertão, e Recife, a capital, acerca da realização de artigo definido diante de antropônimo. No âmbito da estrutura interna do sintagma nominal, diferentemente do PB, línguas do tronco bantu, por serem aglutinantes, não possuem formas dependentes representadas por determinantes, pois informações morfológicas são codificadas por prefixos de classes nominais, não sendo especificado o gênero, mas o número (PETTER, 2015), o que tende a interferir no português adquirido como L2 pelos africanos. Para a realização deste estudo, utilizamos como instrumento de coleta de dados a Escala Likert. A amostra referente à cidade sertaneja é proveniente de Pereira e Silva (2018); já os dados da capital são oriundos de Pereira (*no prelo*). Durante a análise, foram considerados os julgamentos de 16 informantes de cada município, separados de acordo com sua autoidentificação de gênero. Nessas comunidades, a variante local é aquela cujo artigo não antecede o antropônimo (CALLOU; SILVA, 1997; PEREIRA, 2017). Como resultado, verificamos a existência de uma assimetria nos julgamentos dos gêneros controlados (feminino e masculino): diante da variante nova, enquanto, em Serra Talhada, as mulheres apresentam um perfil conservador, valorizando de forma mais significativa a variante local; em Recife, são os homens que desempenham tal papel social. Tal resultado evidencia que o padrão de julgamento encontrado no Sertão é diferente do encontrado na capital.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas, Artigo definido, Antropônimo, Variedade do português.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que diferentes estudos linguísticos vêm trazendo evidências de que a realização de artigo definido diante de sintagma nominal (SN) nucleado por antropônimos (nomes próprios de pessoas) se apresenta como uma marca de diferenciação dialetal no português. Essa diferença pode ser encontrada tanto na comparação entre as diferentes variedades dessa língua, por exemplo, o português de Portugal (PP) e o português do Brasil (PB) (cf. MAGALHÃES, 2002; CASTRO, 2006; FLORUPI, 2008), quanto na comparação dos diversos falares existentes na variedade não europeia do português, mais especificamente o PB (SILVA, 1982; CALLOU; SILVA, 1997; PEREIRA, 2017).

Tendo em mente o fenômeno mencionado, Castro (2006), embasada em trabalhos, como o realizado por Longobardi (1974), em que um caráter expletivo é

atribuído aos artigos que antecedem antropônimos nas línguas românicas, verifica que tanto em Portugal, quanto no Brasil, um artigo expletivo acontece diante de antropônimos, mas em Portugal esse artigo é foneticamente realizado (1), enquanto, no Brasil, tal artigo pode ser ou não foneticamente produzido (2):

1. a. A Joaquina saiu cedo hoje
b. *Joaquina saiu cedo hoje
2. a. A Joaquina saiu cedo hoje
b. Joaquina saiu cedo hoje

No PB, esse fenômeno vem sendo investigado em diversas partes do país desde meados da década de 80. Trabalhos como os desenvolvidos por Silva (1982), Callou e Silva (1997), Campos Júnior (2011) e Pereira (2017) trazem, além de evidências empíricas sobre essa variação no PB, os contextos linguísticos e extralinguísticos que se comportam como causadores dessa variação na língua ((a) fatores estruturais (ex.: a presença de preposições), (b) fatores de ordem discursiva (ex.: a entrada de elementos novos no discurso), (c) fatores de ordem social (ex.: o gênero do entrevistado), e (d) fatores de ordem biológica (ex.: o sexo do participante da pesquisa)).

O trabalho de Callou e Silva (1997) talvez possa ser apontado como um dos que melhor mostram o caráter de marcador dialetal do fenômeno mencionado. Para a análise desse fenômeno variável no PB, as autoras tomaram como *corpus* entrevistas realizadas em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife) provenientes do Projeto Norma Urbana Oral Culta (NURC), seguindo a metodologia da Sociolinguística Variacionista. Como resultado, nas cidades nordestinas: Salvador (32%) e Recife (17%), em que se observou um número baixo de realização de artigo diante de nomes próprios de pessoas. Nos municípios do Sudeste, Rio de Janeiro (43%) e São Paulo (87%), e do Sul, Porto Alegre (79%), o número de realização foi bem superior. Com o referido estudo, as autoras verificaram, dentre outras coisas, que quanto mais ao norte do país a comunidade estiver localizada, maior a chance de o antropônimo não ser antecedido por artigo definido; já, quanto mais próxima ao hemisfério sul do país, maior a chance de o contrário acontecer.

Todavia, os trabalhos já realizados se dedicaram ao controle da frequência e dos contextos em que essa variação ocorre nas diversas comunidades linguísticas do país, deixando de lado a observação da abordagem prevista na gênese da sociolinguística

voltada às reações subjetivas dos falantes não só quanto ao reconhecimento e à avaliação do uso dessas formas variáveis, bem como aos efeitos desse uso em seu comportamento linguístico. Pereira e Silva (2018) destacam que esse tipo de abordagem ainda é escassa e recente nos estudos sociolinguísticos desenvolvidos no Brasil.

Hora (2012) destaca que é de suma importância que os estudos, à luz da perspectiva laboviana desenvolvidos no país, comecem a interessar-se pela possibilidade de aliar aos resultados obtidos uma análise da atitude do falante em relação ao que se está investigando. Isso, segundo o autor, nos levará a avaliar as diferentes variantes que se estendem pelo país como um todo, possibilitando análises mais acuradas, principalmente, no que concerne aos fatores sociais.

Cientes da existência de tal lacuna nos estudos linguísticos, propomo-nos, aqui, a realizar uma investigação acerca das atitudes linguísticas de informantes universitários acerca do fenômeno da realização de artigo definido diante de antropônimos no PB, fenômeno este amplamente investigado no campo variacionista dos estudos sociolinguísticos.

Fazio (1990) apresenta o conceito de atitude como uma associação entre um objeto e uma avaliação relativa a tal objeto, que se encontra armazenada na memória. Eagly e Chaiken (1993, p. 1), seguindo tal visão, fornecem uma abordagem simples e definição intuitiva para o termo atitude. Segundo as autoras, uma atitude é “uma questão de tendência psicológica expressa pela avaliação de uma entidade específica com algum grau de favorecimento ou desfavorecimento”. Em seu estudo, as autoras esclarecem o significado de dois termos utilizados nessa definição, a saber: tendência psicológica e avaliação. O primeiro se refere a um estado interno à pessoa que não é observável, mas, sim inferido; já o segundo se refere a todas as classes de respostas avaliativas (favorável ou desfavorável) que o indivíduo apresenta diante do objeto avaliado, podendo ser de caráter cognitivo, afetivo e conativo, tal como os estudos (LAMBERT; LAMBERT, 1975; ROKEACH, 1974).

Estudos nessa área da linguagem integram questões sociais, culturais e ideológicas que dialogam muito estreitamente com a psicologia social (LAMBERT; LAMBERT, 1972) através da qual a língua é vista como um objeto social, sendo as atitudes linguísticas “reflexo das atitudes psicossociais, de modo que é difícil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou ao usuário dessa variedade” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998 *apud* BOTASSINI, 2015, p. 113).

No âmbito das atitudes linguísticas dos falantes acerca do fenômeno aqui em análise, encontramos o trabalho realizado por Pereira e Silva (2018), desenvolvido na cidade de Serra Talhada, localizada no alto Sertão pernambucano. No referido trabalho, os autores investigaram quais as reações subjetivas de 16 informante de nível universitário sobre a presença ou ausência de artigo definido diante de SNs cujo núcleo é ocupado por um antropônimo no português (ex.: Murilo é alto/ O Murilo é alto)

Os dados coletados pelos autores foram provenientes do uso do método experimental de Julgamento por Escalas, mais especificamente a Escala de Julgamento Likert, descrita na próxima seção. É importante salientarmos também que os autores tinham como foco verificar a interferência da variável social de gênero nas percepções dos participantes. Dessa forma, eles consideraram a autoidentificação de gênero do falante (BUTLER, 1990 [2003]), deixando de lado a classificação do indivíduo com base em suas características físicas.

Para tanto, Pereira e Silva (2018) consideraram os seguintes itens de testagem: (I) Sentimento de inclusão, (II) Estética da variante, (III) Estética da variante com foco na localidade de produção, (IV) Sonoridade da variante, apresentando aos participantes uma escala de 5 pontos para cada item.

Como resultado, os autores verificaram que, excetuando-se o item em (I), os informantes de ambos os gêneros controlados apresentam reações positivas diante das duas variantes, ou seja, as atitudes são positivas tanto para a forma em que o antropônimo não é antecedido por artigo, a forma local (2a), quanto para a forma em que a posição anterior ao antropônimo é preenchida por artigo, a forma nova (2b). Apesar disso, os autores salientam que, mesmo os participantes juízes da pesquisa julgarem positivamente a variante nova, eles tendem a ser mais favoráveis à variante sem artigo. Esse resultado está embasado em uma hierarquia elaborada pelos autores. Segundo tal metodologia, os pontos 1 e 2 da escala marcam atitudes positivas, o ponto 3 marca a neutralidade da resposta, e os pontos 4 e 5 sinalizam atitudes de teor negativo, sendo os pontos das extremidades da escala sempre mais positivos, no caso do ponto 1, ou mais negativos, no caso do ponto 5, que os demais pontos. Essa superioridade é marcada pelo uso de superlativos, como em “muito bonito” e “muito feio”. Ainda é importante mencionarmos que a análise dos autores tem como base a porcentagem de ocorrência de escolha dos pontos da escala elaborada para cada item testado. Logo, as possíveis diferenças entre os gêneros são marcadas pela frequência de marcação dos pontos.

Ao verificarem as reações dos informantes sobre os seus sentimentos de inclusão quanto às variantes, Pereira e Silva (2018) constataram que os informantes não se sentem representados pela forma com artigo, como em “O Murilo está vindo”. A escala referente ao item “sentimento de inclusão” é a seguinte: 1 se refere à percepção de “totalmente incluído”, 2, à “parcialmente incluído”, 4, à “parcialmente excluído” e 5, à “totalmente excluído”. Em seus resultados, os autores verificaram que, diante da variante com artigo, os informantes não marcaram os pontos 1 e 2; pelo contrário, a maioria dos seus julgamentos oscilou apenas entre os pontos 4 e 5, excetuando 1 informante do gênero masculino que preferiu neutralizar sua resposta de percepção. Os resultados ainda mostram que, apesar da presença de marcação do ponto 4 (25% de julgamento tanto do gênero feminino, quanto do gênero masculino), o ponto 5 é o que concentra a maior porcentagem de julgamentos de ambos os gêneros (feminino: 75%; masculino: 63%).

Esse sentimento de pertencimento, no entanto, vem à tona quando os participantes estão diante da variante local, aquela sem artigo, como em “Murilo está vindo”, uma vez que todos os 16 informantes marcaram o ponto indicativo do sentimento de “totalmente incluído”, mostrando um comportamento categórico dos informantes frente a tal item de julgamento.

Quanto ao item de testagem (II), estética da variante, os autores verificaram que, diante da variante sem artigo, os resultados apontam para uma diferença percentual entre os gêneros: enquanto o gênero feminino apresenta apenas atitudes positivas em relação à estética da forma analisada, oscilando de 1 (37%) a 2 (63%), o gênero masculino oscila entre atitudes positivas – níveis 1 (38%) e 2 (50%) – e negativas – nível 4 (12%). Esse resultado, então, nos mostra que, em comparação com o gênero masculino, o feminino estaria mais propenso a ser o gênero com maior sensibilidade à forma local. Todavia, ao observarem os testes, os autores perceberam que a porcentagem de 12%, presente no nível 4, dos julgamentos masculinos, foi decorrente de apenas 1 informante; os demais juízes distribuíram seus julgamentos entre as atitudes positivas, sendo o julgamento “bonito” o que apresenta o maior número de escolhas. Diante disso, os pesquisadores levantaram a hipótese de que a resposta desse único informante pode ser reflexo de algum estigma perante às questões que envolvem não a variante propriamente dita, mas a região de atuação da variante, o Nordeste. No entanto, verificaram, através da realização de um novo teste, que a localidade não está atuando como um agente de estigma.

No que concerne à variante com artigo, os resultados mostraram que o gênero masculino, no que tange ao critério estético dessa forma, é mais sensível à variante nova que o gênero feminino. Os dados apontam para o fato de os informantes masculinos terem oscilado entre os pontos 2 e 3, mas concentrado a maior parte (75%) de seus julgamentos no ponto 2, referente a “bonito”; enquanto os informantes feminino oscilaram entre os três primeiros pontos e concentraram a maior parte dos julgamentos no ponto neutro (50%), tendo os pontos 1 e 2 recebido 12% e 38%, respectivamente. Percebemos, então, que o gênero feminino, diferentemente do masculino, muda sua percepção de acordo com a variante que avalia. Além disso, esse resultado vai de encontro ao resultado obtido no critério de sentimento de inclusão, evidenciando que o gênero masculino, contrariamente ao gênero feminino, apesar de não se sentir representado pela forma, não a desqualifica.

A sonoridade que cada forma possui pode ser alvo de julgamento por parte dos informantes. Por esse motivo, o teste formulado por Pereira e Silva (2018) engloba a questão sonora das duas variantes previstas pela gramática do PB. No que tange à sonoridade da variante sem artigo, os testes apontaram para o fato de os informantes não apresentarem julgamentos negativos quanto a tal variante. O gênero feminino apresentou variação entre os níveis 1 e 2, “muito agradável” (50%) e “agradável”(50%), respectivamente; enquanto o gênero masculino variou de 1 a 3, tendo o ponto 1 obtido a maior concentração de porcentagens, a saber: 63%, enquanto o ponto 2 e 3 obtiveram 25% e 12%, respectivamente. Com isso, os autores perceberam que o gênero masculino, apesar de 1 informante ter anulado seu julgamento, se apresenta como sendo mais favorável do que os participantes do gênero feminino, uma vez que o número atribuído por eles ao ponto 1, “muito agradável”, é superior ao apresentado pelas mulheres.

Já diante da variante com artigo, os testes mostraram que os informantes juízes masculinos variaram seus julgamentos entre os pontos 2, 4 e 5, sendo o ponto 2, “agradável”, aquele que apresenta a maior porcentagem (76%), enquanto os demais citados apresentam 12% cada um. Esse resultado mostra que, apesar de alguns dos participantes masculinos terem mostrado atitudes negativas, a maioria possui julgamentos positivos, sendo favorável a essa forma. O gênero feminino, por sua vez, segue pelo mesmo caminho. Os resultados apontam para o fato de essas participantes terem distribuído seus julgamentos pelos pontos de 1 a 3, sendo o ponto 2 aquele com a maior concentração (50%). A análise ainda mostra que 38% dos julgamentos estão no nível da parcialidade, ponto 3, mostrando uma possível indiferença do gênero feminino

para com tal variante, o que não acontece quando a forma em questão é aquela em que o antropônimo não é antecedido por artigo.

Sumarizando os resultados obtidos em Pereira e Silva (2018), verificamos que os testes apontaram para o fato de não existir, excetuando-se o item “estética da variante”, uma discordância entre os gêneros, no que concerne aos julgamentos das formas linguísticas em análise.

Tomando por base o estudo de Pereira e Silva (2018), são objetivos deste artigo: a) investigar as atitudes linguísticas de falantes masculinos e femininos da cidade de Recife - PE acerca da realização e não-realização do artigo definido diante do contexto de antropônimos, tendo em mente a realização de uma comparação com os resultados obtidos em Serra Talhada e b) verificar se a variável gênero interfere nas atitudes linguísticas dos falantes investigados. Para tanto, este trabalho investigativo embasa-se no campo das Atitudes Linguísticas (EAGLY; CHAIKEN, 1993).

Ademais, para inferirmos e mensurarmos as atitudes linguísticas dos falantes, aplicamos o teste de Julgamento Likert, tal como feito em Pereira e Silva (2018), com 16 informantes (8 do gênero masculino e 8 do gênero feminino), domiciliados na cidade de Recife-PE. Através desse teste, foi possível verificarmos que, na capital, assim como na cidade do Sertão, a variável gênero se comporta como sendo causadora de divergência entre a percepção masculina e a percepção feminina.

Em linhas gerais, para o desenvolvimento da temática aqui proposta, este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: na seção da metodologia, expomos as etapas de realização do estudo desde a seleção dos informantes à obtenção dos dados embasada no julgamento subjetivo dos participantes; a seção subsequente é dedicada à análise dos dados obtidos com os testes e, por fim, apresentamos as considerações finais, reunindo os principais resultados obtidos neste estudo.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste estudo, selecionamos dados de reações subjetivas coletados em dois municípios pernambucanos, a saber: Serra Talhada e Recife. A primeira cidade, conhecida como a Capital do Xaxado e por ser o berço do cangaceiro Lampião (Virgulino Ferreira), está localizada na região do Sertão do Pajeú, a 415 km da capital, Recife. O município, segundo os dados do IBGE de 2019, possui uma população estimada em 86.350 mil habitantes e uma faixa territorial de 2.980 km².

Localizada em posição estratégica, no cruzamento das estradas de acesso à Paraíba, Bahia e Ceará, Serra Talhada é a segunda cidade mais desenvolvida economicamente do Sertão de Pernambuco e o principal município da Mesorregião do Sertão pernambucano.

A capital pernambucana, Recife, por seu turno, conhecida por suas diversas manifestações culturais e por ser polo das mais diversas áreas de atuação profissional, está localizada no litoral do estado, fazendo fronteira com cidades economicamente importantes do estado, como Jaboatão dos Guararapes e Olinda. Segundo censo do IBGE de 2019, Recife possui uma população estimada em 1.537.704 mil habitantes, sendo a nona cidade mais populosa do país. Sua faixa territorial é de 218,894 km².

Visando à obtenção dos dados desta pesquisa, fizemos uso de dados já coletados por nós na capital (PEREIRA (*no prelo*)) que fazem parte de um banco de dados maior, cuja pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Pernambuco (nº CAAE 80201917.5.0000.5208) e, no caso da cidade sertaneja, apoiamos-nos no trabalho de Pereira e Silva (2018). Portanto, para estabelecer comparação entre Serra Talhada e Recife, foram considerados os mesmo itens de testagens, o mesmo instrumento de coleta, o mesmo número de participantes, as mesmas variáveis e as mesmas variantes consideradas em Pereira e Silva (2018).

Aplicamos um teste de atitude linguística para 16 informantes domiciliados em cada uma das cidades mencionadas, sendo esses participantes separados em dois grupos, divididos de acordo com sua autodenominação de gênero, a saber: um grupo composto por 8 indivíduos autodenominados como feminino, e outro grupo, com 8 informantes autodenominados como masculino. É importante salientarmos que, em nosso *corpus*, houve a predominância da dicotomia masculino/homem e feminino/mulher.

Para o instrumento de avaliação, selecionamos duas variantes constitutivas do fenômeno em análise: uma diz respeito à variante local, aquela em que o artigo não antecede o antropônimo (ex.: Maria falou com João) e a outra, à variante nova em que o artigo antecede o antropônimo (ex.: O João falou com (a) Maria) (cf. CALLOU; SILVA, 1997; PEREIRA, 2017). O teste teve como base a Escala de Julgamento Likert, de 1 a 5, onde são apresentadas, aos informantes, cinco opções de respostas para cada item a ser testado. A escala elaborada pelo sociólogo Rensis Likert, em 1932, permite ao pesquisador mensurar atitudes e verificar graus distintos de concordância através das escolhas dos participantes que atuam como juízes diante das questões apresentadas. Os

itens de testagem do instrumento de avaliação subjetiva foram: (I) sentimento de inclusão, (II) estética da variante e (III) sonoridade da forma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

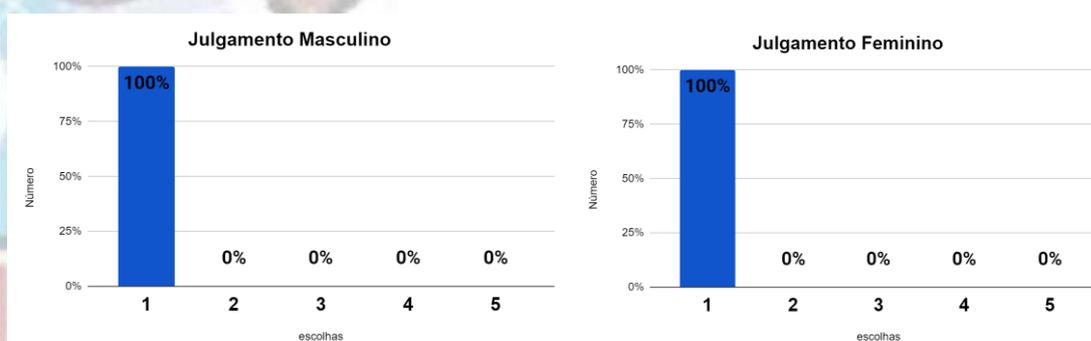
Nesta seção, dedicaremos-nos a expor os resultados obtidos por meio da análise dos julgamentos subjetivos dos informantes proveniente da capital pernambucana, Recife, fazendo uma comparação com os resultados obtidos em Pereira e Silva (2018) expostos na introdução deste trabalho. Não é demais ressaltarmos que, visando a uma comparação entre as duas cidades pernambucanas, apresentaremos uma análise da frequência dos julgamentos dos informantes para cada item testado, assim como foi feito na cidade de Serra Talhada.

O primeiro item de testagem diz respeito ao sentimento de inclusão que o participante possui em relação às variantes controladas. Com tal teste, podemos verificar qual o nível de representatividade que uma ou outra variante possui no universo investigado. A escala utilizada é a seguinte:

- 1–Totalmente Incluído;
- 2–Parcialmente Incluído;
- 3–Indiferente;
- 4–Parcialmente Excluído;
- 5–Totalmente Excluído.

A primeira forma a ser avaliada pelos participantes juízes foi a local, isto é, a variante em que o artigo não antecede o antropônimo. Após a obtenção das respostas, vejam-se os resultados apresentados no gráfico 1:

Gráfico 1: Julgamento do sentimento de inclusão na forma em que o antropônimo não é antecedido por artigo definido

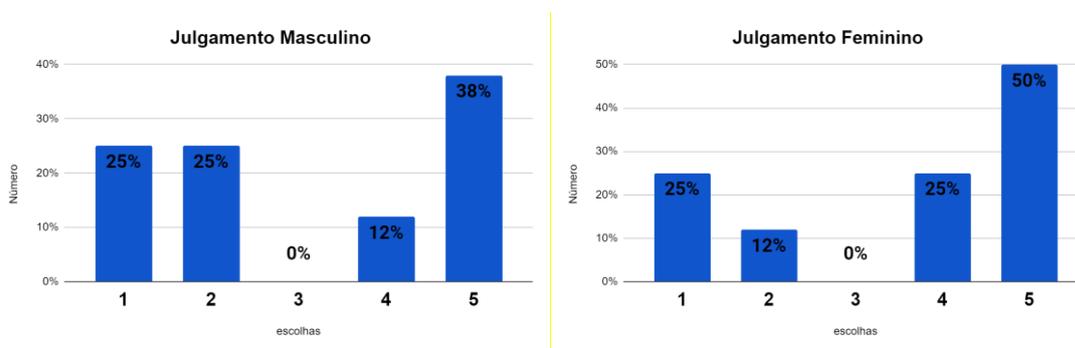


Fonte: Autores deste trabalho

Como já esperávamos, devido ao fato de esta ser a variante local, os informantes juízes atestaram que possuem um sentimento de total inclusão quando a forma que está em julgamento é aquela em que o antropônimo não é antecedido por artigo definido. Todos os 16 julgamentos se concentraram no nível 1 da escala, marcando o julgamento “Totalmente Incluído”. Com a visualização do gráfico, verificamos que não houve variação entre os níveis da escala. Tampouco, houve variação entre os gêneros observados: participantes femininos e masculinos avaliam de forma idêntica a variante sem artigo.

Quando esses mesmos participantes estão, porém, diante da variante nova, isto é, aquela em que um artigo aparece na periferia esquerda do SN nucleado por antropônimo, o sentimento de inclusão muda, como podemos observar nos dados apresentados no gráfico seguinte:

Gráfico 2: Julgamento do sentimento de inclusão na forma em que o antropônimo é antecedido por artigo definido



Fonte: Autores deste trabalho

No que diz respeito à variante nova, percebemos que, diferentemente do resultado anterior, os participantes de ambos os gêneros distribuem suas percepções entre quatro dos cinco pontos da escala. Todavia, é possível notar que tanto o gênero feminino quanto o masculino concentram a maior parte de seus julgamentos no ponto 5, indicando uma total exclusão de seus sentimentos de representatividade por parte da variante com artigo. Ainda podemos notar que, apesar da pouca diferença entre os números apresentados para homens e mulheres, estas são as que as julgaram negativamente a forma nova.

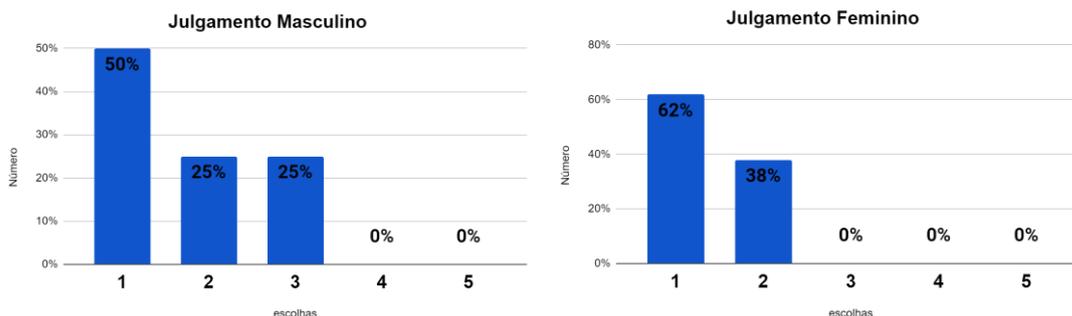
Os resultados apresentados nos gráficos 1 e 2 vão ao encontro dos resultados obtidos na cidade de Serra Talhada. Na cidade sertaneja, homens e mulheres compartilham do mesmo sentimento: sentem-se representados apenas pela forma sem artigo (100%). Apesar da concordância entre os informantes das duas localidades, não podemos perder de vista que, em Recife, alguns dos informantes de ambos os gêneros demonstram uma possível aceitação da forma nova, uma vez que estes oscilaram entre os pontos da escala, sobretudo o gênero masculino. Já em Serra Talhada, os informantes foram categóricos ao expressar seus sentimentos de inclusão apenas diante da variante local. Esse resultado, então, mostra-nos uma possível força conservadora encontrada no interior do estado, mas não na capital, local em que os informantes oscilam seus sentimentos de inclusão quanto às variantes, possivelmente, pelo fato de possuírem um maior contato com as duas formas.

No que diz respeito ao item sobre a estética da variante, Pereira e Silva (2018) mostraram que, em Serra Talhada, diante da variante sem artigo, enquanto o gênero feminino apresenta apenas atitudes positivas em relação à estética da forma, oscilando de 1 (37%) a 2 (63%), o gênero masculino oscila entre atitudes positivas, níveis 1 (38%) e 2 (50%), e negativa, nível 4 (12%). Esse resultado, segundo os autores, mostra-nos que, em comparação com o gênero masculino, o feminino estaria mais propenso a ser o gênero com maior sensibilidade à forma local. A escala utilizada por eles e replicada neste trabalho é a seguinte:

- 1–Muito bonito;
- 2–Bonito;
- 3–Indiferente;
- 4–Feio;
- 5–Horroroso.

Em Recife, no entanto, os resultados apontam para o fato de nenhum dos gêneros marcarem os pontos negativos da escala. Estes, na verdade, concentram, de forma majoritária, seu julgamento no ponto 1, evidenciando uma percepção positiva sobre a estética da variante sem artigo.

Gráfico 3: Julgamento da estética da forma em que o antropônimo não é antecedido por artigo definido

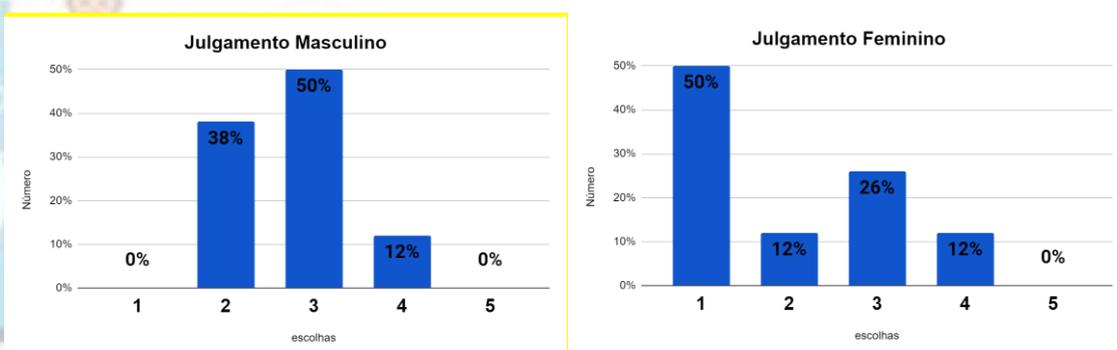


Fonte: Autores deste trabalho

Como podemos observar, ambos os gêneros investigados foram favoráveis à variante local, concentrando a maior porcentagem no ponto 1. Os homens, porém, apresentam uma porcentagem um pouco menor (50%) que aquela apresentada pelas mulheres (62%), uma diferença de 12%. Neste trabalho comparativo, consideramos que uma divergência de 10% é capaz de apontar para uma tendência, assim como foi para Pereira e Silva (2018). Dessa forma, assumimos que, embora os dois gêneros tenham concentrado de forma majoritária no ponto 1, os julgamentos femininos mostram que as mulheres possuem uma tendência a serem mais favoráveis do que os homens quanto à forma controlada.

Enquanto que diante da variante sem artigo a diferença entre os gêneros não é tão significativa, diante da forma com artigo fica evidente a existência de uma assimetria nos julgamentos dos gêneros.

Gráfico 4: Julgamento da estética da forma em que o antropônimo é antecedido por artigo definido



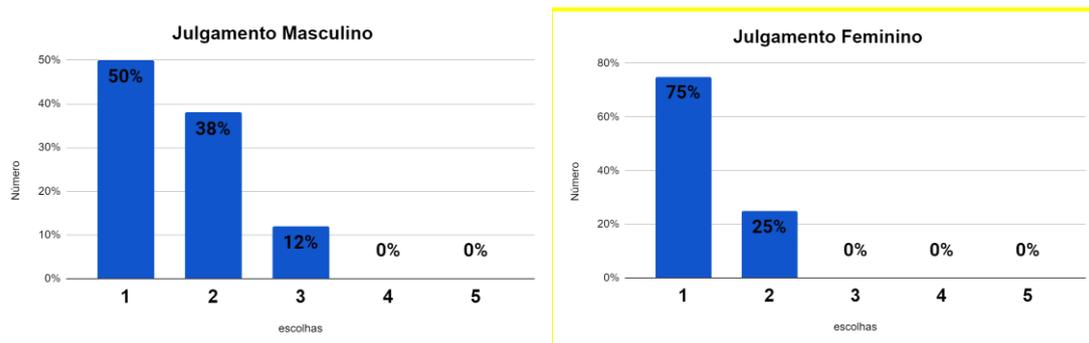
Fonte: Autores deste trabalho

Nos dados de Recife, notamos que indivíduos do gênero feminino e pessoas autodeclaradas como masculinas possuem percepções diferentes quanto ao uso de artigo diante de antropônimos. Enquanto os participantes masculinos apresentaram um alto índice de indiferença diante da forma com artigo; os femininos marcaram significativamente o ponto 1, indicando que suas percepções não se alteram com a mudança da variante julgada. Tal resultado vai de encontro ao que foi encontrado no Sertão do estado. Pereira e Silva (2018) mostraram que, em Serra Talhada, ocorreu o contrário: os homens apresentam um favorecimento a essa forma, enquanto as mulheres neutralizam seus julgamentos. Esse resultado mostra que, no quesito estético, a localidade interfere nos julgamentos feito pelos gêneros: apenas os informantes do gênero feminino domiciliados em Recife são explicitamente favoráveis à forma nova.

No que tange à sonoridade das variantes, o resultado não foi muito diferente. A escala utilizada foi:

- 1–Muito agradável;
- 2–Agradável;
- 3–Indiferente;
- 4–Desagradável;
- 5–Muito desagradável.

Gráfico 5: Julgamento da sonoridade da forma em que o antropônimo não é antecedido por artigo definido

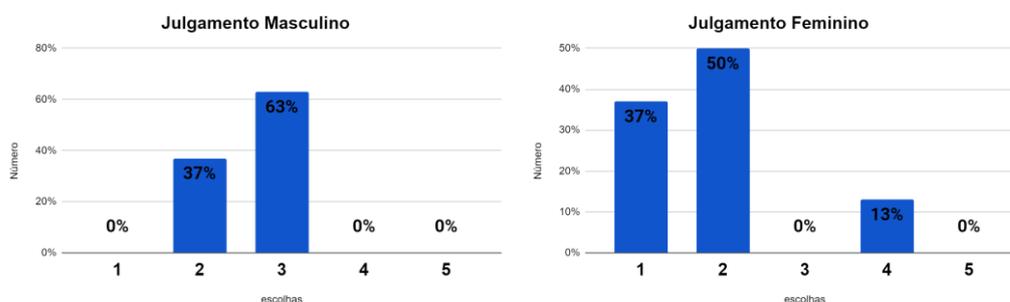


Fonte: Autores deste trabalho

Assim como em Serra Talhada, local em que tanto os participantes masculinos, quanto os femininos apresentam reações positivas quanto à sonoridade da forma sem artigo, em Recife ambos os gêneros se mostram com atitudes positivas quanto a tal forma. Homens e mulheres concentraram a maioria de seus julgamentos no ponto 1 da escala, indicando a ideia de que a produção de SNs como “João” é muito agradável de

se ouvir. Na comparação entre os números, percebemos que o gênero feminino é aquele que apresenta a maior porcentagem (75%); o gênero masculino, por sua vez, apresenta um número de 50%. Logo, existe uma diferença de 25% entre a percepção dos homens e das mulheres recifenses, mostrando que as mulheres estão mais propensas a favorecer essa forma do que os homens. Esse resultado mostra que os informantes da capital têm uma percepção semelhante à encontrada no interior do estado, onde as mulheres também apresentaram uma superioridade numérica. Diante da forma com artigo, essa percepção é alterada, como podemos ver no gráfico que segue:

Gráfico 6: Julgamento da sonoridade forma em que o antropônimo é antecedido por artigo definido



Fonte: Autores deste trabalho

Diante do item da sonoridade da forma com artigo, os participantes tiveram comportamento semelhante ao obtido no teste acerca da estética da forma. Os participantes masculinos, apesar de oscilarem entre os pontos 2 e 3, concentraram 63% dos julgamentos no nível 3, da neutralidade, mostrando uma tendência a uma atitude de indiferença quanto à sonoridade dessa forma. Já os informantes autodenominados do gênero feminino distribuíram seus julgamentos nos pontos positivos 1 e 2 e negativo, 4, sendo que o ponto 2, referente ao julgamento “agradável”, foi aquele com maior porcentagem (50%).

Notamos, portanto, que, diante da avaliação do critério sonoro da forma com artigo, existe uma assimetria de gênero: enquanto os homens não se posicionam majoritariamente, marcando ponto neutro e assumindo um perfil conformista, as mulheres assumem o papel de inovadoras, atribuindo atitudes positivas à variante nova.

Em Serra Talhada, como já mencionamos anteriormente, ocorre o contrário: homens (76%) e mulheres (50%) expõem atitudes favoráveis à forma, marcando o ponto 2 da escala. Ainda na comunidade sertaneja, percebemos que o gênero masculino

apresenta uma porcentagem maior que aquela apresentada pelas mulheres, sendo tal diferença de 26%.

Os resultados aqui expostos mostram que o Sertão e a capital se comportam de forma semelhante ao apresentarem, na maioria dos casos, avaliações positivas para ambas as formas. O fato de o fenômeno linguístico em análise não carregar pressão social contribuiu para que as duas formas obtivessem número significativos de julgamentos positivos, excetuando o item “Sentimento de inclusão” da variante com artigo.

Em determinados casos, o Sertão acaba se comportando como a capital, principalmente no que tange ao sentimento de inclusão das formas. Não podemos perder de vista como o controle desse item é importante para mostrar o quanto o fenômeno do uso de artigo definido diante de antropônimos marca uma diferenciação dialetal no âmbito do sistema de determinantes não só entre comunidades do território brasileiro, mas também das diversas variedades dessa língua. Tanto os informantes recifenses, quanto os serratalhadenses de ambos os gêneros afirmam que se sentem mais representados pela variante local, aquela em que o artigo não antecede o antropônimo, como em “João”. Em Serra Talhada, esse resultado é categórico, uma vez que não houve oscilação na escala; em Recife, não há uma categorização, haja vista que houve oscilação, mostrando que o serratalhadense, em comparação ao recifense, é mais resistente à variante nova.

Essa aproximação entre os informantes da capital e os do interior depende de qual variante está sendo avaliada. Os dados mostram que, quando os informantes estão avaliando a forma sem artigo, existe uma semelhança entre os julgamentos de serratalhadenses e recifenses, sendo que tais percepções são sempre positivas. Todavia, quando estão diante da variante em que a periferia esquerda do SN é preenchida por um artigo, notamos a presença de uma assimetria tanto no que diz respeito aos julgamentos do gênero, quanto no que concerne à localidade.

Analisando os dados com base nas porcentagens encontradas, percebemos que, em Serra Talhada, as mulheres apresentam um comportamento conformista, privilegiando de forma mais significativa a variante de maior frequência de produção na comunidade, isto é, a sem artigo; enquanto os homens expõem um caráter mais favorecedor à forma nova. O contrário, no entanto, acontece em Recife, local em que as mulheres seguem um comportamento inovador, e os homens uma atuação conformista, uma vez que apresentam um número significativo de avaliações neutras.

Assim, os resultados mostram que, diferentemente do encontrado em Serra Talhada, em Recife encontramos a comprovação de um dos princípios clássicos da sociolinguística. A tradição afirma que, em fenômenos abaixo do nível da consciência social, do princípio laboviano *change from below*, as mulheres, em comparação aos homens, são responsáveis por frequências mais significativas das formas inovadoras em suas comunidades (LABOV, 1982 [2008]), evidenciando tal caráter acolhedor/inovador. Essa característica encontrada nos informantes femininos da capital é o que os diferencia dos informantes de mesmo gênero do interior: enquanto as mulheres recifenses são inovadoras, as do interior são conservadoras. O mesmo acontece no caso dos homens, os da capital se comportam como sendo conservadores, e os serratalhadenses comportam-se como acolhedores à forma nova.

Neste ponto, é de suma importância mencionarmos que apenas uma análise mais aprofundada poderia explicar a assimetria encontrada neste estudo. Na tentativa de trazer uma explicação para o perfil encontrado em Serra Talhada, Pereira e Silva (2018) buscam auxílio nos papéis sociais de seus informantes, a fim de encontrar possíveis elementos condicionadores à inclinação masculina a julgamentos positivos à forma com artigo. Eles verificam que apenas 1 dos 8 informantes não realiza qualquer atividade de trabalho. Já, quanto aos informantes do grupo de gênero feminino, o número é maior: 6 dos 8 informantes não atuam no mercado. Diante de tal observação, lançamos os questionamentos sobre a interferência de alguma variável referente à inserção do entrevistado no mercado de trabalho.

Seguindo tal suspeita, observamos a ficha social dos informantes recifenses e encontramos uma realidade que nos fez levantar o mesmo questionamento feito para os resultados obtidos em Serra Talhada. Dos 8 informantes recifenses masculinos, apenas 2 estão inseridos no mercado de trabalho, enquanto 6 não estão. Já, quanto ao grupo feminino, 6 dos 8 informantes estão exercendo alguma atividade no mercado de trabalho. Percebemos, então, que existe um possível padrão para o favorecimento da forma nova: os participantes que estão inseridos no mercado de trabalho são mais propensos a avaliar positivamente variantes novas. Sabemos que, durante a atuação profissional, os indivíduos estão em constante contato com os diversos falares do PB, principalmente quando se trata de pessoas com formação superior, já que a própria universidade facilita esse contato.

Ainda vale utilizarmos como reflexão acerca da diferença encontradas no que diz respeito à localidade o fato de o fluxo de pessoas de diferentes comunidades e o

contato com esses diferentes falares serem mais frequentes em capitais do que em interiores. Tal fato pode ser uma questão condicionadora na percepção dos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer desta discussão, é de suma importância que os estudos sociolinguísticos passem a se interessar também na aferição das percepções dos informantes acerca dos diversos fenômenos variáveis existentes no PB. Aqui, dedicamo-nos a verificar, por meio de análise percentual, como informantes universitários recifenses avaliam o uso de artigo definido diante de antropônimos, a fim de realizar um estudo comparativo entre dados coletados no interior do estado e os dados adquiridos na capital.

Os resultados apontaram para o fato de existir uma assimetria entre os gêneros. Em Recife, essa diferença é mais evidente que em Serra Talhada, o que evidencia também que as comunidades apresentam padrões distintos de avaliação do fenômeno. Enquanto o gênero feminino na cidade de Serra Talhada apresenta um comportamento conformista, privilegiando de forma mais significativa a variante local, em Recife, estas desempenham um papel inovador. Uma vez que os informantes que mais favorecem a variante nova estão desempenhando atividades profissionais, o perfil encontrado por meio do controle da variável gênero pode estar relacionado ao fato de o indivíduo estar ou não atuando no mercado de trabalho, o que possibilita um maior contato linguísticos entre falantes locais e visitantes. Todavia, só uma análise mais aprofundada que controle essa variável pode comprovar sua atuação nas percepções dos falantes investigados.

Por fim, pontuamos que, com este trabalho embasado no campo das atitudes linguísticas, pretendemos contribuir para a construção do perfil sociolinguístico em Pernambuco no que concerne ao sistema de determinantes do PB, mais particularmente, ao uso ou não do artigo definido diante de antropônimos.

REFERÊNCIAS

BOTASSINI, J. O. M. A importância do estudo de crença e atitudes para a sociolinguística. **Signum**: estudos linguísticos. n. 18/1. 102-131. Jun, 2015

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. (org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 11-27.

CAMPOS JÚNIOR, H. S. **A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba**. 2011. 123f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CASTRO, A. **On Possessives in Portuguese**. Ph.D. Dissertação (mestrado em linguística), FCSH. Universidade Nova de Lisboa e Université Paris 8 – CLI. 2006

EAGLY, A.H; CHAIKEN, S. **The Psychology of Attitudes**. San Diego, CA: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.

Fazio, R. H. Multiple processes by which attitudes guide behavior: The MODE model as an integrative framework. In M. P. Zanna (Ed.), **Advances in experimental social psychology**. New York: Academic Press, 1990.

FLORUPI, S. A. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. 2008. 271f. Tese (doutorado em linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HORA, D. Atitude: um conceito teórico, um conceito de vida. **Revista do GELNE**, Natal. v. 14, número especial, p.367-386, 2012.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of N-movement in syntax and logical form. **Linguistic Inquiry**, v. 25, n 4. Massachusetts: The MIT Press, 1987

MAGALHÃES, T. M. V. O uso de artigo definido diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI a XIX. In: SEDRINS, A. P. (org.)... [et.al] **Por amor a linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura**. Maceió: EDUFAL, 201

PEREIRA, D. K. F. **A realização de artigo definido no português falado na região do sertão do Pajeú-PE**. 2017. 206f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PEREIRA, Déreck Kássio Ferreira. **Crenças e atitudes linguísticas acerca da concordância de gênero entre o artigo definido e o antropônimo na comunidade LGBT+ de Recife-Pe.** 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. No prelo.

PEREIRA, Déreck K. Ferreira; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. As atitudes linguísticas de serra-talhadenses sobre a realização de artigo definido diante de antropônimos. In. FREITAG, Raquela Maister Ko. (org). **Dossiê temático de atitudes e estereótipos.** Aracajú: Interdisciplinar, v. 29, p. 109-137.

ROKEACH, M. Naturaleza de las actitudes. **Enciclopedia internacional de las ciencias sociales**, vol. 1, Madrid: Aguilar, 1974, p.14-21.

SILVA, G. M. de O. e. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro.** Tese (Doutoramento em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

